



A HERMENÊUTICA DE RICOEUR NO CONTEXTO DAS HISTÓRIAS DE VIDA

Roberto Sanches¹Elaine Conte²

Resumo

O propósito desse artigo é discutir a problemática do círculo hermenêutico e da interpretação a partir das propostas de Heidegger e Ricoeur, tendo como desafio a análise estruturalista do texto. Trata-se de uma revisão de literatura que focaliza a teoria narrativa de Ricoeur, para lançar luz ao pensamento hermenêutico em conexão com as histórias de vida, como um projeto de si, com vistas a evidenciar um pensar reflexivo, autoformativo e uma racionalidade narrativa. A problemática da relação entre hermenêutica e existência não pode dar-se fora do contexto, pois o texto é via e condição de acesso à interpretação e à compreensão da vida humana.

Palavras-Chave: Círculo hermenêutico; Projeto; Histórias de vida

RICOEUR'S HERMENEUTIC IN THE CONTEXT OF LIFE STORIES

Abstract

¹Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle - UNILASALLE, na linha de pesquisa: Culturas, linguagens e tecnologias na educação. E-mail: roberto-filosofia@hotmail.com

² É doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atualmente é professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle - UNILASALLE e líder do Núcleo de Estudos sobre Tecnologias na Educação - NETE/CNPq. E-mail: elaineconte@yahoo.com.br

AbstractThe purpose of this article is to discuss the hermeneutical circle and the interpretation problematics, based on Heidegger and Ricoeur's proposals, having the structuralist analysis of the text as an aim. It is a literature review that focuses on Ricoeur's narrative theory to bright the hermeneutic thinking connected to life stories, as a project of itself, looking to show a reflective thinking, self-formative and a narrative rationality. The problematic of the relation between hermeneutics and existence can't be outside of context, once the text is the way and access's condition to the interpretation and understanding of human life.

Keywords. Hermeneutic circle; Project; Life stories

LA HERMENÉUTICA RICOEUR EN EL CONTEXTO DE HISTORIAS DE VIDA

Resumen

El objetivo de este artículo es discutir la problemática del círculo hermenéutico y la interpretación, a partir de las ideas de Heidegger y Ricoeur, teniendo como desafío un análisis estructural del texto. Trata de una revisión de la literatura que enfoca una teoría narrativa de Ricoeur para lanzar la luz para el pensamiento hermenéutico en la conexión con las historias de vida, como un proyecto de sí, con vistas a evidenciar un pensamiento reflexivo, autoformativo y una racionalidad narrativa. La problemática de la relación entre la hermenéutica y la existencia no puede dar-se fuera del contexto, porque el texto es vía y condición de acceso a la interpretación y la comprensión de la vida humana.

Palabras Clave: Círculo hermenéutico; Proyecto; Historias de vida

1 INTRODUÇÃO

O desafio desse artigo é problematizar o círculo hermenêutico enquanto um projeto existencial, mediado por narrativas formativas, visando construir as bases teóricas e hermenêuticas das histórias de vida, a partir do viés de constituição de si mesmo no outro. Rohden (2008) apresenta a história do método hermenêutico, trazendo a contribuição de Schleiermacher para a construção desse campo do saber. O círculo hermenêutico tem uma particularidade, pois “somente pode ser compreendido a partir do todo, e por isso uma leitura superficial deve preceder a interpretação mais detalhada a fim de que se retenha uma visão geral do todo” (ROHDEN, 2008, p. 47).

Compreender, portanto, é uma atividade referencial, pois compreendemos algo quando comparamos com o que já conhecemos, ou seja, quando fazemos parte do que é compreendido. Aquilo que é compreendido equivaleria, então, a uma clarificação dialética intersubjetiva e se agruparia em círculos compostos de partes. O círculo como um todo, definindo a parte individual e as partes em conjunto, formando o círculo, revela um saber que exige reciprocidade e intercomunicação. Para compreender a parte já devemos ter compreendido o todo, o que se afigura numa impossibilidade e num salto, caso compreendamos o todo e as partes, simultaneamente. A compreensão resulta de um processo comparativo, ao mesmo tempo intuitivo e divinatório. Rohden (2008) reconhece que o círculo hermenêutico tem como pressuposto uma pré-compreensão de algo e só é possível porque já conhecemos algo e aceitamos comparar. Tendo em vista a finitude e a vulnerabilidade do ser humano, Ricoeur (1978) parte da problemática de que o próprio movimento reflexivo que o sujeito realiza não é completamente transparente e reconhece que a própria subjetividade se esfacela no conjunto de suas experiências comunicativas e interativas com seu semelhante, criando uma cultura imersa em diferentes tradições e histórias de vida. Tudo leva a crer que a provável relação do círculo hermenêutico com as narrativas de formação ou histórias de vida, e de ambas com a educação, passa pela exploração de estratégias de pesquisa em educação.

2 O DIÁLOGO ENTRE HEIDEGGER E RICOEUR

É com Correia (1998) que buscamos esclarecer o estatuto hermenêutico da compreensão em Heidegger, que Ricoeur reputou como fundamental para as suas reflexões. Heidegger teorizou sobre os dois modos originários do Ser-aí (*Dasein*, presente, disponível, existir enquanto unificação do homem), a saber: o encontrar-se (*Befindlichkeit*) e o compreender (*Verstehen*), que participam da constituição existenciária do *Dasein* como ser-no-mundo. Heidegger rejeita descrever essa relação em termos teóricos e contemplativos, como um modo de objetivação do ser. O *Dasein* está projetado no mundo, entre os entes, sendo afetado por eles como um modo de ser enquanto poder-ser. O primeiro existenciário mostra a situação do *Dasein*, a compreensão e inversamente permite transcender este estado fático, abrindo uma possibilidade de ser para a busca do sentido do ser. A compreensão é uma estrutura originária, anterior a toda conceitualização. Em Heidegger, a interpretação explicita um mundo já compreendido, através da estrutura de algo que situa nos entes e no mundo independente de uma enunciação predicativa objetiva. Neste contexto, a compreensão tem um caráter aventureiro de horizontes e de mundos.

Missaggia (2012) nos indica que o posicionamento de Heidegger em relação ao ato de filosofar é a de que não podemos ignorar nossa situação concreta e o fato de que como entes históricos desde sempre partimos de uma perspectiva determinada. Essa concepção nova em relação ao círculo hermenêutico prioriza a relação com o modo de ser do *Dasein*, portanto, o círculo existe não por um mero acaso ou por uma falha da investigação filosófica, mas sim devido ao tipo de compreensão que é característica do *Dasein*. Esse ente possui um modo peculiar de ser, que o leva a estar sempre “antecipado” em relação a si mesmo, pois se projeta em direção às suas possibilidades e tem consciência do ser. O ser-no-mundo está situado em um contexto histórico e sofre as determinações e rupturas do mundo que o circunda, influenciando as suas escolhas e a eleição das possibilidades futuras. Curiosamente, o campo da interpretação é tão vasto quanto o da compreensão, ambos expandem o sujeito da percepção, cognição e pensamento para compreender a realidade, pressupondo estranhamentos e contradições formativas. A fonte da explicação se dá pela retirada da centralidade de um sujeito todo poderoso e onisciente, obrigando o analista a considerar o mundo e as suas contingências na análise de uma ação, considerando a expressão básica do ser no mundo, a “estrutura de antecipação”. Missaggia (2012, p. 27-28) torna mais claro esse conceito, ao referir:

Não há outro procedimento possível: temos de partir da nossa pré-compreensão de *ser* para poder buscar um sentido para o que significa *ser*. Assim como ocorre com as indicações formais, há um ponto de partida ainda obscuro (o conceito não clarificado de *ser*) que indica a direção (a análise do ente que compreende o *ser*) para buscar uma compreensão completa do fenômeno. [...] o que dispomos de antemão é uma “compreensão mediana” e limitada de *ser*; ao partimos dessa compreensão inicial não pretendemos chegar a um resultado do qual já dispomos, mas sim encontrar um conceito “explícito” do sentido do *ser*, que constitua a compreensão completa que ainda não nos é acessível.

Segundo Salles (2012), resultante dessa concepção existencial, muda-se a tarefa do compreender que não se restringe a compreensão de um fato, mas é a de nos orientar numa situação, revelar uma possibilidade do ser, descobrir o sentido da vida pelo texto, projetar nele a sua existência, provisoriedade e transformação. O projeto resulta da leitura das possibilidades do campo de ação que constitui o mundo, no abrir-se e lançar-se para novas possibilidades de si mesmo e do mundo. A renovação do homem no mundo é resultado do trabalho e da matéria (potência) para outras realizações, do estar-aí entregue ao imprevisível, à revisão das descobertas, sempre provisórias e aperfeiçoadas, às projeções futuras. Retomando a caminhada de Heidegger, Ricoeur nomeia de via curta da explicação a mediação da compreensão humana através dos textos, dos símbolos e dos sentidos visuais. Por sua vez, ele nomeia de via longa a cultura, pois ela precisa de um longo trajeto explicativo, evidenciando as mediações socioculturais e de linguagem.

Seria preciso que uma antropologia filosófica tentasse em nossos dias, com os recursos da linguística, da semiologia e da psicanálise, refazer o trajeto traçado por *Sein und Zeit*, esse trajeto que parte da estrutura do ser no mundo, atravessa o sentimento da situação, a projeção das possibilidades concretas e a compreensão, e avança para o problema da interpretação e da linguagem. (RICOEUR, 1978, p. 260).

Poderíamos afirmar que Ricoeur é herdeiro de uma longa tradição hermenêutica que se afirma no Protestantismo³ e em cuja virada existencial proposta por Heidegger enfatiza-se a relação homem-mundo e a temporalidade, a historicidade do ser-aí. Ricoeur vai aportar as contribuições do estruturalismo, das ciências da linguagem e da psicanálise para enriquecer o trabalho interpretativo. Afirma ainda que não há compreensão de si que não seja mediatizada

³ Cabe esclarecer que essa relação com o Protestantismo é entendida como se tratando de uma exegese e interpretação.

por signos, símbolos e textos. Na verdade, a existência é vivida no exercício da linguagem e nos atos mais naturais e comuns, através da fala e da escrita. A potencialidade da compreensão surge como um modo fundador da existência humana e do que é educar, aprender e dialogar na abertura à alteridade da vida social.

A compreensão de si coincide em última instância com a interpretação aplicada a esses textos mediadores. Salles (2012), seguindo Ricoeur, acrescenta que a rede conceitual e as articulações simbólicas são portadoras de estruturas temporais que manifestam a possibilidade ou até mesmo a necessidade da ação ser narrada. Por isso, a imitação da ação significa primeiramente pré-compreender o agir humano (sua semântica, seu simbolismo e sua temporalidade), e a partir desta pré-compreensão é constituída a tessitura da intriga e com ela a mimética textual.

3 O DEBATE DE RICOEUR COM A SEMIÓTICA E O ARCO HERMENÊUTICO

Panier (2008) descreve o encontro de Ricoeur com a semiótica greimasiana e de como ela se inscreve no seu projeto hermenêutico de estabelecer uma relação dialética entre explicar e compreender. Interpretar, para Panier, é compreender a si mesmo diante do texto, compreender a si como outro (que ainda não se deu) pela mediação do texto. Essa interpretação é desenvolvida sob a forma de um arco hermenêutico em que uma fase de explicação deve encontrar seu lugar como uma “retomada” de diferentes interfaces que uma pré-compreensão sempre nos deu. O viés explicativo, de que a semiótica é o melhor exemplo, ou o melhor empreendimento, está a serviço da compreensão. Ela não é por ela mesma, a ocasião nem o lugar da interpretação. O estatuto ancilar, assim consentido para a semiótica, explica, sem dúvida, que, por um lado, há uma certa resistência da parte dos semioticistas mais ortodoxos e, por outro lado, desvela-se que algumas práticas interpretativas dos textos influenciadas por Ricoeur tenham finalmente negligenciado o aporte da semiótica em proveito de formas menos estruturais e sistemáticas de análise. Ricoeur postula um arco hermenêutico, assim ele tematiza o círculo hermenêutico, que integra a explicação e a compreensão.

A análise semiótica estrutural poderia ter ocupado, para Ricoeur, a retomada explicativa da pré-compreensão existencial ou a inteligência narrativa que abre o percurso da

interpretação de si. Porém, a semiótica narrativa de Greimas não conseguiu dar conta da relação entre experiência e narrativa, pois não se baseia em uma pré-compreensão vivida do fazer e da temporalidade, terminando por reduzi-la ao quadrado semiótico. Pode-se dizer que a análise estrutural tende a reduzir o papel da intriga à função secundária da figuração em relação às estruturas lógicas subjacentes e às transformações dessas estruturas. A intriga é então assinalada no plano da manifestação em relação à gramática profunda a qual pertence, unicamente, as estruturas e suas transformações. Partimos de uma constatação de Correia (1998) sobre o porquê de Ricoeur privilegiar a narrativa na sua tarefa reflexiva. A narrativa entrelaça o “tempo da alma” com o “tempo do mundo” numa expressão simbólica do sentido, possibilitando o encontro do cogito com o mundo, através da modelo global de refiguração do real. A consciência narrativa, apesar de implicar a presença de artefatos da imaginação, encontra-se sempre enraizada na existência. Se toda ação não existe independentemente de seu sentido, é a narração, coordenando as ações, que produz esse sentido, doando a ela a sua coerência. No nível da constituição dos atos e dos projetos, o papel ontológico da narração se revela como uma função prática, em prol da organização da práxis (MICHEL, 2009).

É por isso que se considera a narração como um existencial, uma estrutura universal da compreensão de si, pois toda ação inexiste separadamente de seu sentido. É a narração que produz esse sentido dando-lhe uma coerência interna, o que ocorre por meio da colocação na trama do texto sobre a base de códigos identificáveis pela análise, mas também tornando possível a reorganização da experiência temporal do leitor, graças a uma forma de refiguração que ao interpretá-lo coloca a descoberto as suas profundidades e que transforma sua orientação na vida. Nesse sentido, Ricoeur insiste sobre a reconstrução da noção de *mimésis* aristotélica sobre uma tríplice base, que lhe permite adicionar à prefiguração (*mimésis* I), à configuração (*mimésis* II) e à refiguração (*mimésis* III), que completa a extensão do campo da hermenêutica.

Com o conceito de *mimésis* I de Ricoeur, foi possível compreender como uma pré-figuração no campo prático serve como referência para tecer a intriga. Assim, antes de uma história ser narrada, a própria práxis se apresenta como um pano de fundo rico em simbologia que proporciona uma inteligência prática como base que antecede a inteligência narrativa. O primeiro momento desse arco é o da *mimésis* I ou pré-figuração, onde se dá a recuperação desse vivido, desse experienciado, configurando-se em uma narrativa capaz de realizar a

interpretação e a compreensão de uma vida. Nesse nível se dá a pré-compreensão do texto manifestado, pois é na prática da linguagem cotidiana que entramos em contato com os eventos existenciais, apreendendo os sentidos das ações em suas ligações com um contexto e uma cultura.

Na *mimésis* II ou configuração, a narrativa faz a mediação entre acontecimentos ou incidentes individuais e uma história como um todo. Dessa maneira, extrai uma história e a identifica no obrar humano de uma pluralidade de acontecimentos. Em um primeiro momento, porque o texto promove um deslocamento em direção ao mundo (de possibilidades, significação, sentidos, diferenças) que se desdobra diante dele, sendo o texto um caso particular de comunicação. É o paradigma do distanciamento na comunicação e da possibilidade de continuar questionando o seu sentido. Segundo, porque extrai de uma simples sucessão uma configuração e isso supõe que o acontecimento seja mais que uma ocorrência singular e a história mais que uma enumeração de acontecimentos em uma ordem serial. A trama configura, em uma totalidade dotada de sentido, por fatores e princípios heterogêneos (agentes, fins, meios, interações, circunstâncias, etc.), dando concordância à discordância no mundo da vida. Em terceiro momento, devido a seus caracteres temporais próprios, torna-se possível chamar a intriga de uma síntese do heterogêneo. Nesse processo de mediação, articulam-se duas dimensões temporais: uma cronológica e outra não-cronológica. A primeira é a dimensão episódica da narrativa que caracteriza a história como constituída por acontecimentos. A não-cronológica é a dimensão configurante propriamente dita, a partir da qual a tessitura transforma os acontecimentos em história, ou seja, retira da diversidade de acontecimentos a unidade de uma totalidade temporal.

O arco hermenêutico da interpretação, proposto por Ricoeur, conduz a uma perspectiva sobre o ato de ler, que seria o momento da *mimésis* III ou refiguração. É com o ato de ler que se efetiva a compreensão de si pela mediação de símbolos, narrativas e textos, pois a tessitura da intriga articula o enraizamento na vida e a recepção na leitura, manifestando o poder da linguagem para expressar o mundo, figurando para o leitor as possibilidades de ser habitado. Essa atividade aparentemente abstraída, em verdade, provoca uma ruptura com o mundo da ação e uma continuidade que remete para o vivido. A leitura rompe com o estabelecido figurando um mundo próprio e ao mesmo tempo produz um deslocamento a novos predicados do sujeito no mundo. Nessa tarefa, Salles (2012, p. 272) diz: “quando aquele que lê puder

transformar sua ação e sua orientação existencial a partir do confronto de sua vida cotidiana, de suas experiências concretas, com o horizonte tecido pelo texto”, torna-se possível colocar o texto de criação coletiva em acordo ou desacordo com a própria percepção crítica de mundo.

O ato de ler significa o reenvio do texto para além de si mesmo, para a vida, para o mundo da ação, como transformação de si e da realidade, muito além da simples repetição oportunista ou mera imitação do real. O movimento de apropriação do texto, proposto por Ricoeur, é um descentramento de si diante do mundo do texto configurado em cada obra lida. Um mundo do texto no qual o leitor poderia aderir como um dos seus possíveis, mas na reconstrução do sentido que se desdobra de uma tradução, envolvendo riscos e a diversidade. O texto interpretado não fornece somente ao sujeito uma compreensão nova de si, ele propõe uma instauração do sujeito engajado nas condições da emergência da significação. “É a tarefa da hermenêutica de reconstruir o conjunto das operações pelas quais uma obra se eleva sobre o fundo opaco do viver, do agir e do sofrer para ser dada por um autor a um leitor que a recebe e assim, muda o seu agir” (RICOEUR, 1994, p. 86). Segundo Ricoeur, o texto somente alcança seu sentido pleno à medida que é restituído ao tempo do agir e do padecer, pois é no ouvinte ou no leitor que se conclui o percurso da *mimésis* que não tem um fim em si, mas também o arco hermenêutico se eleva da vida, atravessa a obra literária e retorna à vida.

Ao enfatizar o vínculo existencial proposto por Ricoeur, Correia (1998) afirma que o mundo do texto não se confunde com a intenção do autor, mas com o poder-ser, com o projeto radical enquanto abertura de mundo. A força criadora de um texto encontra-se assim no poder de se distanciar, permitindo uma redescrição da situação, que agora aparece como uma proposição de mundo que está diante dele em relação, como aquilo que a obra desdobra, descobre, revela, provocando uma transformação. Assim, o trabalho da narração e da interpretação do texto embasa a compreensão da narrativa do outro, interrogando seu significado e analisando o seu sentido. Assim, vivemos de nos reinventar e imaginar metáforas de nós mesmos. Compreender é compreender-se diante do texto e receber dele as condições de outras leituras de mundo. O leitor encontra-se no limiar entre o texto configurado e a sua própria refiguração no contexto, que já é um novo processo de significação e de reconstrução, de *mimésis*, imitação recriadora do mundo. Atravessando o limiar instaurado pelo leitor entre o mundo do texto e o mundo vivido se processa a experiência de deslocamento. Ela está agenciada linguisticamente no plano metafórico por

seus vínculos simbólicos, afetivos e imaginativos ressonantes, pela narrativa do acontecimento. Ou seja, para além da colocação em intriga da ação, temos a figuração metaforizada de eventos, repercussões afetivas e sentimentos, que lhe aparecem como uma alteridade, daquilo que era apenas entrevisto no mundo, fazendo parte de uma pré-compreensão, agora reconfigurado e lido.

4 O ENCONTRO COM AS HISTÓRIAS DE VIDA

Ricoeur incorpora a concepção existencial do ser-no-mundo e do projetar-se, da centralidade do tempo, enquanto condição humana e do pertencimento do sujeito interpretante ao mundo, ao seu contexto vital. Mas, paralelamente, ao texto e à narrativa como paradigma do distanciamento. A narrativa é o elemento mediador e que dá forma à experiência, que revela a nossa situação no mundo e a transcendência⁴, no sentido de ir além do imediato, do vivido, abrindo espaço para o acontecer, o agir e o padecer. Assim, o passado, o presente e o futuro se tornam em vida revivida por quem conta e por aquele que lê. Essa atualização da atividade interpretativa da narrativa proposta por Ricoeur é retomada pelas histórias de vida, na abordagem de Josso (1988; 2004). A autora propõe a interpretação da posição em intriga, no ato configuracional, operado pelo sujeito-biógrafo, narrador da história e pelo ato interpretativo que ele carrega, propondo uma atividade que desvela níveis mais profundos, explicitando-os e ampliando o contexto significativo do texto biográfico, em função de um projeto de si no seu contar autobiográfico. Josso situa a tarefa dessa construção de si na atenção consciente, isto é, “a atenção consciente está sempre lá para dar testemunho do mais ou menos longo trabalho de elaboração que gera o movimento do ser para transformações de sentido, contextos de vida, de relação com o outro, de relação consigo mesmo” (JOSSO, 2004, p. 257). E mais adiante amplia o sentido, perguntando-se:

Não será a atenção que fornece o distanciamento necessário para se ter uma visão de conjunto de si no contexto das experiências realizadas? A atenção consciente é

⁴ A transcendência não é algo extraordinário ou excepcional, mas está presente nos atos mais comuns da existência humana. Para ilustrar, escrever é transcender o aqui e agora imediato e fechado, é se reportar compreensivelmente ao que ainda não aconteceu, permeia a renovação do sujeito através da linguagem.

sempre necessária para observar os “desvios” ao que tinha sido antecipado, para localizar avarias, para identificar caminhos sem saída. (JOSSE, 2004, p. 257).

A atenção consciente não é uma mirada imediata de um sujeito estático para si, ela percebe uma identidade dinâmica, como defende Ricoeur, que se realiza no espaço-tempo captável por uma narrativa. É Josso quem fala de uma das formas de manifestação da atenção consciente que é a reflexão que se utiliza da narração. Aqui se localiza um ponto de articulação com Ricoeur, pois a atenção consciente se aproxima, como procedimento, do ato configurador da armação de uma intriga, que, para Ricoeur, é um movimento de distanciamento reordenador do real, uma recriação criativa do processo vivido.

Podemos pensar que a atenção consciente tem essa função observadora e antecipadora, sendo ao mesmo tempo uma postura recriadora do real como a narrativa, e uma atitude compreensiva do que foi narrado, tomando em conjunto a expectativa e a mudança de fortuna e integrando-as num todo coerente, numa totalidade temporal projetiva. Ricoeur defende, a partir do pensamento de Hannah Arendt, que à pergunta quem sou eu? Respondo com uma narrativa. As perguntas têm esse importante papel para o sujeito construtor da história e de si. Elas mobilizam a atenção consciente do sujeito-biógrafo visando que ele tome consciência do seu processo-projeto ao narrar a sua história, pois o sujeito ao narrar-se realiza uma (auto/re)interpretação, respondendo à questão “como cheguei até aqui”. Ao respondê-la no fluxo das evocações, as recordações-referências são organizadas em uma narrativa com as experiências significativas para o eu no tempo. Essa reorganização e a interpretação subsequente alteram a identidade e a percepção do sujeito que constrói a sua trajetória, podendo ser lida a partir dos momentos-charneira e dos acontecimentos significativos. Essa estruturação reflete uma tomada de consciência pela atenção consciente que aparece no reconhecimento de uma intenção significativa, numa caminhada através do tempo.

Assim, tomamos consciência de que vai se complexificando esse papel da atenção consciente, que de caráter narrativo e temporal, torna-se aventureiro e reflexivo de horizontes e de mundos. Esses critérios não são dados de antemão, mas se revelam quando são revisitados os contextos das narrativas. Josso (2004) se preocupa com a questão do que a pessoa busca para si, o que tem valor para ela, pelo que ela se mobiliza, questionando a sua formação, no fundo, o que dá sentido à própria vida. As narrativas são disposições e mediações necessárias para que essa experiência aconteça no tempo, num tempo vivido

enquanto experiência humana existencial. Para Josso, o projeto existencial visa preencher um tempo ilimitado, a impermanência das coisas, a finitude e a historicidade, de onde decorre a arte de interpretar, conferindo intencionalidade à ação e ao (re)conhecer. Esse projeto comporta um sentido, uma trajetória, com as suas experiências fundadoras, significativas e existenciais de compreensão histórica.

Nesse processo-projeto se abre espaço para a heteroformação, o que foi formador, que serviu de referência do exterior, para assim perceber o processo interno que se exterioriza numa ação ou decisão, o que se pode fazer com o que a vida fez. Enfim, como se reelaborou os acontecimentos que foram experimentados e aqueles que a pessoa mesmo provocou. Na resposta às perguntas, o sujeito aprendente toma consciência do seu percurso de formação e de (auto)conhecimento ao costurar a intriga, tornando-a coerente a partir das tomadas de consciência que reorganizam essa experiência. É na fase de recordação que se retomam os fios narrativos, que se reorganizam as experiências e se retrabalha a memória (mas o pensamento não substitui a narração, apenas auxilia). É somente reconhecendo a experiência vivida no tempo – vista como a reunião entre o passado e o futuro, articulada com a atenção consciente, que realizamos a ressignificação da narrativa, recriação do vivido, “constituindo os momentos-charneira” (REIS, 1994, p. 50).

Tomada na sua globalidade a narrativa articula vários períodos da existência que reúnem vários fatos considerados formadores. A articulação entre estes períodos efetua-se em torno de momentos-charneira, designados como tal porque o sujeito escolheu - sentiu-se obrigado a – uma reorientação na sua maneira de comportar e/ou maneira de pensar ou meio ambiente e/ou de pensar em si através de novas atividades. Esses momentos de reorientação articulam-se com momentos de conflito e/ou mudanças de estatuto social, e/ ou com acontecimentos sócio-culturais (familiares, políticos, econômicos). (JOSSO, 1988, p. 43).

Entendemos que através do contexto das narrativas se tem acesso ao mundo, à experiência vivida no tempo, às contradições, não de maneira direta, mas mediada por um texto. Josso fala que as experiências significativas existenciais são construídas como momentos-charneira e acontecimentos relacionados a toda humanidade, que possuem um sentido sociocognitivo. Nesses momentos, as coerências de uma vida, o critério de avaliação das circunstâncias e de si são transformados, constituindo os processos de formação que nos aproxima uns dos outros. “Assim, a compreensão da escolha mais ou menos consciente dos

referenciais que presidem a um processo de formação podem levar a modificar a direção tanto de um itinerário de vida como do olhar que incide sobre ele, assim como das orientações determinadas por seu autor” (JOSSO, 2004, p. 83). Daí que a autoformação é uma autoconstrução transformadora na práxis do mundo da vida, que implica a renovação de si pela presença do outro e de seu mundo na interação e interdependência de contextos narrativos. Para o projeto de autoformação docente, torna-se necessário interpretar o mundo no conflito das ambiguidades e no diálogo com o outro, para melhoramos e transformamos a nós mesmos (RICOEUR, 1978). Nesse sentido, somos sujeitos em (re)construção e reinvenção, entre o coletivo e o singular, no projetar-se com as narrativas oriundas de registros heterogêneos que acontecem no mundo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas inquietações narrativas manifestadas até aqui, no sentido (auto/co)interpretativo e compreensivo de desvelar o mundo pela linguagem, tendemos a remexer os referenciais e mobilizar o sujeito como ser em obra, em direção ao estímulo a (auto)formação, a (re)interpretação no tempo, de modo a perceber as semelhanças e diferenças na relação com as narrativas propostas. Se todas as produções humanas podem ser consideradas como textos que habitam a temporalidade em tons ambíguos, então, a autoformação docente é essa consciência/leitura de si na interação com o outro e com o mundo social e cultural, realizando um movimento para se (re)conhecer a partir de suas próprias experiências comunicativas e compreensões de outros mundos. Quando se rememora o passado de forma flexível se tem a tendência a ser mais caótico, porém, quando se coloca a rememoração em uma narrativa, atualiza-se um processo de recordação – antecipação, pois uma narrativa traz o desenrolar de acontecimentos, como possibilidade e inteligibilidade de transformação em aberto. Nesse sentido, a proposta de Josso de um projeto de si orientado pela narrativa de uma vida é, assim, uma mediação do conhecimento de si em sua existencialidade, que oferece à reflexão de seu autor oportunidades de tomada de consciência sobre diferentes registros de expressão, histórias de vida e representações de si, assim como as dinâmicas que orientam a sua formação. “Essa modificação de direção pode também ser

considerada como um ato deliberado de auto-transformação e, por isso mesmo, de auto-orientação refletida. Quando essa modificação acontece, a finalidade formativa do processo foi atingida” (JOSSO, 2004, p. 83). Ricoeur também desenvolveu em suas narrativas importantes reflexões sobre o homem como ser de irrevogável finitude e vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, como ser capaz de narrativas, de fazer história, de responsabilizar-se pelas suas ações, de lembrar e esquecer, enfim, de ter a capacidade de ser mais. Por isso mesmo, o sujeito faz história e com seu poder de deliberação pode lidar com os contextos culturais de seu mundo.

Temos que lembrar que para continuarmos vivendo hermenêuticamente, precisamos compreender as necessidades e posições do próprio mundo da vida com suas resistências, contradições e diferenças, a fim de nos colocarmos no lugar do outro. Contudo, o círculo hermenêutico se dá na interligação de experiências significativas que ajudam a compor o todo da configuração do texto. Ricoeur fala na motivação, o que faz mover o texto, Josso fala nas buscas e, narrativamente, nos momentos-charneira e nos acontecimentos significativos. Com os conflitos e as interfaces hermenêuticas podemos transformar a armação da intriga da contingência em necessidade, como um processo-projeto de formação de si, um projetar-se para novas possibilidades de transformação de si, de abrir-se ao outro na renovação de mundos pelo mergulho interpretativo.

REFERÊNCIAS

CORREIA, Carlos João Nunes. *Ricoeur e a expressão simbólica do sentido*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1998.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, Antonio; FINGER, Mathias. *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: 1988.

_____. *Experiência de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MICHEL, Johann. Narrativité, narration, narratologie: du concept ricoeurien d'identité narrative aux sciences sociales. *Revue européenne des sciences sociales*, Genebra: Librairie Droz, 2009. DOI: 10.4000/ress.562. Disponível em: <<http://ress.revues.org/562>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

MISSAGGIA, Juliana. O uso implícito das indicações formais em ser e tempo: algumas questões de método. *Peri*, UFSC, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 24-37, 2012. Disponível em: <<http://www.nexos.ufsc.br/index.php/peri/article/viewFile/862/365>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

PANIER, Louis. Ricoeur et la sémiotique: un reencontre “improbable”? *Semiotica*, Lyon: De Gruyter, 2008. Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-00353643>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

REIS, José. *Tempo, história e evasão*. Campinas: Papyrus, 1994.

RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações: Ensaio de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. *Tempo e Narrativa Tomo I*. Campinas: Papyrus, 1994.

ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica: método, ética literatura*. Caxias do Sul: Educus, 2008.

SALLES, Walter. Paul Ricoeur e a refiguração da vida diante do mundo do texto. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 39, n. 124, p. 259-278, 2012. Disponível em: <<http://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/article/view/1805>>. Acesso em: 31 dez. 2016.

Data de recebimento: 27/09/2017

Data de aceite: 13/11/2017